



*Diário de S. P*  
13 de junho d  
1946.

Uma das mais sérias anomalias do nosso sistema universitário é a inexistência do ensino superior de Literatura Brasileira. Até mesmo um engano, o currículo das nossas jovens Faculdades de Letras englobava uma cadeira de Literatura "Luso-Brasileira" (sic) em pleno século XX, ao se iniciar fase nova da cultura brasileira. As universidades não discriminavam da portuguesa a literatura brasileira, colocando-se dentro de uma mentalidade correspondente à abertura dos portos. No ano de 1939, funcionaram, pela primeira vez em nossa história cultural, cátedras superiores de literatura pátria. Incluíram-na no currículo de duas sub-seções: a de Línguas e a de Letras Clássicas. No primeiro currículo, os alunos deveriam estudar a literatura brasileira na 3ª, isto é, última série; no segundo, na 1ª série. Geralmente os encarregados da Cadeira reúnem as duas turmas em duas aulas e duas de seminário, a cargo do Assistente; e a isto se tem o estudo da literatura brasileira.

Duas aulas por semana durante apenas um ano significam, na prática, impossibilidade de ensino eficiente. Por mais brilhante que seja o professor, não há tempo para empreender um curso sério em companhia dos rápidos alunos. Estes, deslizam com facilidade sobre as letras pátrias e cuidam de matérias mais apertadas...

Assim, e dizendo as coisas como elas devem ser ditas — a literatura brasileira não é, nas nossas universidades, objeto de estudo, nem

matéria subsidiária, em nível inferior ao das outras literaturas neo-latinas. Sendo o curso global (línguas e literatura), o aluno visa de preferência o aprendizado dos idiomas. A cátedra de Filologia Portuguesa tem, deste modo, importância muito mais ponderável, prestando, na verdade, serviços mais avultados a um futuro mestre de línguas. Capacitemo-nos, pois, desta proposição inicial: não tem havido "ensino", mas apenas "aulas" de literatura brasileira, no curso superior.

Não é possível paradoxo maior. Estou me lembrando, e vendo-as daqui, as fisionomias desarvoradas de dois bolsistas norte-americanos que vinham, ingenuamente, se aperfeiçoar na matéria em uma das nossas faculdades. Concluíram que a tarefa seria mais fácil e eficiente no seu próprio país... Com efeito, é dificilmente concebível que não haja, entre nós, cursos completos, de três anos, centralizados inteiramente em torno de disciplina tão capital para a nossa cultura. Tenho para mim que, depois do problema das dotações orçamentárias e da flexibilidade dos currículos, é este o mais premente do nosso sistema universitário. É preciso quebrar o gelo amontoado em torno dos professores universitários de literatura brasileira, dar-lhes campo mais vasto de trabalho, possibilidades de estudo e pesquisa, alargando os horizontes para muito além das inexpressivas aulas bi-semanais possibilitadas pelos atuais programas, das quais, por maior que seja o seu talento, como ficou dito, não é possível surgir nenhuma construção intelectual de valor, como até agora não surgiu.

Tendo abordado este assunto, acho necessário não concluir sem esclarecer o problema anterior e básico das relações da literatura com a cultura universitária.

\*

Pode-se, grosseiramente, dividir a literatura em duas correntes: uma de criação, que é a principal e a sua razão de ser, outra de exegese, que a prolonga e auxilia a desempenhar o papel que lhe compete. Interessanos, no momento, a segunda, cuja função é estudar, esclarecer e integrar a primeira no complexo da cultura — obra da crítica sob os seus mais variados aspectos: história e crítica literária, história das idéias etc. Conjunto que constitui, no todo ou em parte, a por alguns chamada ciência da literatura. Graças a ela, se torna possível encarar a criação como problema estético e cultural a ser interpretado; graças a ela, se torna possível discernir o sentido de uma cultura e iniciar os espíritos na compreensão viva do fato literário. Sem ela, a criação não encontra quadros, perde alguns dos seus mais sólidos estímulos e não consegue transformar-se em fator eficiente de ação cultural nem manter acesa a chama da tradição. Observação que se aplica, bem entendido, ao estado atual da produção artística e não pretende ter valor geral.

Sempre houve crítica paralela à criação e esta, nos seus períodos mais fecundos, se desenvolveu ao mesmo tempo que a interpretação. Modernamente, ela se concretizou em disciplinas especializadas e se mu-

niu de técnicas sábias. Localizou-se nas escolas superiores e passou a desempenhar função intelectual predominante. Pergunta-se: esta localização da crítica nas cátedras, a formação de especialistas e técnicos da crítica, veio ajudar o desenvolvimento dos espíritos e da cultura ou, ao contrário,pear-lhes a espontaneidade, ressecá-los?

A pergunta abre portas à séria questão do alexandrinismo, isto é, a predominância, numa dada cultura, da técnica e do espírito crítico sobre a inspiração e a liberdade criadora. As universidades têm sido tachadas de funestas à espontaneidade da inteligência, sendo conhecidas as sátiras contra velhos professores, caturras e empedernidos, mergulhados nas suas especialidades e na sua prisão de ventre, totalmente alheios à vida e a uma compreensão dinâmica do espírito. (Entre parênteses:

*Ils ont greffé dans des amours épileptiques  
Leur fantasque ossature aux grands squelettes noirs  
De leurs chaises; leurs pieds aux barreaux rachitiques  
S'entrelacent pour les matins et pour les soirs)...\**

Há milhares de páginas de revolta contra a estreiteza dos meios universitários, o cativo da rotina, o culto do formalismo, o academismo complacente. Está tudo certo, em boa parte. Tudo certo, porém, na Europa. No Brasil o problema muda de cara, porque nem temos tradição universitária, boa ou má, nem exemplos marcados de revolta fecunda contra a tirania das poucas faculdades que até aqui monopolizavam o ensino superior. Os nossos zelosos panfletários transpõem com certa ingenuidade, para esta terra moça, os problemas elegantemente ventilados nas terras velhas.

Estabelecido que o ataque à formação universitária é, no Brasil, fruto de macaqueação e vadiagem — porque carece de alvo — marcha-ré ao fio da meada.

É incontestável que há nas corporações, quaisquer que elas sejam, tendência para concepções mais ou menos rígidas que se erigem em normas e, elevando-se a espírito de grupo, de panela, tendem a se sobrepor ao verdadeiro interesse do espírito, que é a renovação permanente, a revisão constante dos valores. É o reino da infalibilidade e da intolerância. Numa congregação de cavalheiros togados, de idade provecta, inamovíveis, detentores da sabedoria por vago e longínquo direito de conquista, a preservação de certa vivacidade de espírito, de certa humildade intelectual, depende dum acaso feliz. O compadrismo se insinua docemente e, à sua sombra amena, mil e uma mesquinhas, todas tendendo mais à preservação do equilíbrio corporativo do que ao progresso da cultura. Tal perigo é ainda mais acentuado nas matérias teóricas do que nas experimentais — estas impondo um contato permanente com a realidade tan-

\* Estrofe do poema "Les assis", de Rimbaud.



gível. Por isso, é mais fácil encontrar espíritos sempre abertos à novidade entre físicos sexagenários, por exemplo, do que entre filósofos e professores de letras, apegados freqüentemente à abstração e preconceitos inverificáveis.

No entanto, devemos arrostar estes perigos se quisermos sistematizar o conhecimento humano. Se o talento, ele próprio, necessita amparo a fim de encontrar e seguir o seu caminho, o que não diremos a respeito de nós, a vasta maioria, que precisa do apoio de quadros racionalizados para não deslizar na dispersão e na infecundidade? A universidade é feita, sobretudo, para orientar o talento e disciplinar, esclarecer e enriquecer os espíritos médios, tirando deles um rendimento muitas vezes impossível sem a sua intervenção (o pior é que eles acabam, geralmente, por tomá-las de assalto...). O gênio, este se arranja sozinho e não há de ser a universidade quem vá lhe atrapalhar a vida.

É certo que um indivíduo de grande talento pode se sentir abafado na moldura universitária; pode arriscar a sua originalidade e sentir cercadas muitas possibilidades. O que é hilariante, porém, é ver cavalheiros irremediavelmente médios verberar os quadros escolares em nome da originalidade e dos ímpetos criadores ameaçados. Ora, justamente, a única "chance" destes cavalheiros seria uma disciplina que os livrasse da desintegração cultural e do eterno esboço, podendo, até, dar-lhes a personalidade forte que não têm. Ou, ao menos, solicitar para melhores verdades as suas limitadas capacidades. Fica resolvido, deste modo e para as nossas necessidades do momento, esse famoso conflito entre a espontaneidade e a disciplina, de que fazem um dos grandes cavalos de batalha contra a cultura universitária.

A batalha é especialmente cruenta no que toca à literatura e às artes, admitindo todos a eficiência e necessidade da sistematização do estudo das ciências, mas negando-a no que se refere a elas. Procuremos analisar a situação, contribuindo para esclarecê-la, na medida do possível.

Nota: Estas reflexões nasceram a propósito de uma coleção de textos de literatura brasileira, cuja publicação foi iniciada recentemente pela Editora Assunção, sob a direção do Prof. Antonio Soares Amora. O prazer causado pelos primeiros livros dados à publicidade levou-me a desenvolver algumas idéias sobre a cultura literária em relação com a universidade. Uma vez terminadas, farei a resenha dos livros em apreço.



*Diário de S. Paulo,*  
20 de junho de  
1946.

Qual, porém, a utilidade da disciplina universitária, não mais para as finalidades educacionais, mas para a própria literatura? Literatura é vida, que rompe limites e não se disciplina. Não iria a universidade reduzi-la a peça morta de museu, encaminhando-a para a desconversa alexandrina? Parece-me, ao contrário, que a chamada ciência da literatura contribui para integrá-la no complexo da cultura, acentuando a sua vitalidade. A produção literária é preservada, em grande parte, graças à compreensão de que é objeto. É necessário, por isso, que o público em geral e o adolescente, em particular, sejam guiados no seu gosto e iniciados em certos pontos de vista sem os quais fica mais difícil o pleno gozo da obra literária. Por este fato – por se transformar em matéria de experiência intelectual e fator de transmissão da cultura – é que a literatura cabe dentro dos esquemas da disciplina científica. Explorar-lhe os filões, esclarecer-lhe os intuitos, estudar-lhe o sentido, é torná-la mais viva, isto é, mais participante, mais apta a desempenhar a sua função social e transmitir a sua sugestão de beleza. Na literatura repercute a dinâmica de uma civilização. Conformismo, revolta, acomodação, sublimação, derrocada, renovamento, fuga – tudo se exprime por seu intermédio. A história de um povo pode ser estudada nas suas criações literárias, porque elas são, realmente, a suma vivida de seu modo de ser. Ir a elas, buscar nelas lições e estímulos é tarefa do estudo crítico, cuja função se perfaz pelo esforço de esclarecer, de um lado o seu significado social, do outro

a contribuição individual que representa no esclarecimento das velhas angústias do homem. Assim concebido, o estudo crítico deixa de ser um jogo erudito para confluir na própria vida, auxiliando a tarefa de revisão dos valores, dando aos homens consciência da sua evolução. E, sobretudo, representando um papel de primeiro plano na transmissão dos valores literários. Como transmitir é próprio de ensino, nada mais normal do que o papel que deve ter na universidade o ensino da literatura, como fonte de inspiração e disciplina mental.

\*

O poeta, o criador, de modo geral, poderá freqüentemente rir-se dos esquemas do professor. Que estes não são improficuos, até para ele, mostra-o a presença de grandes poetas em cátedras de Poética - Matthew Arnold, no século passado, em Oxford, Valéry ainda há pouco, na Sorbonne, Auden atualmente, na New School for Social Research. Seja como for, para aqueles a quem se dirige o poeta, isto é, nós outros leitores, não faz nenhum mal um espírito preparado para lhes receber a mensagem, pois do estudo da obra de arte podem surgir algumas das sugestões mais fecundas que ela é capaz de transmitir. Não irei ao ponto de afirmar que sem ele ela não é compreendida, porque isto é falso. Não tenho dúvida, porém, de que, vista como formação do espírito e não apenas enriquecimento afetivo, ela depende em boa parte da apreciação crítica - aliás, normal e espontânea em quase todo espírito bem formado. Ora, o estudo universitário deve consistir, justamente, em tomar este movimento normal, espontâneo, e enriquecê-lo com fundamentação mais sólida, que vai desde a exegese textual até a intuição criadora.

O problema crucial da Universidade, a sua prova dos nove, reside em não deixar que a crítica se substitua à sensibilidade e que o meio sobreleve o fim. "O maior defeito da penetração não é ficar aquém do alvo, mas ultrapassá-lo"\* esta máxima deveria ser a oração matinal de todo estudioso da literatura. O que vemos, com efeito, não raro, é a erudição tomar o lugar da crítica, a intuição ser suplantada pela mecânica escolástica, as dificuldades serem resolvidas por meio de fórmulas, o mistério da arte descoberto pelo pedantismo e servido em cómodas pastilhas. É a pretensão à infalibilidade impedindo o progresso do juízo; são as questúnculas técnicas, os *bons assuntos*, soterrando a pobre obra de arte. Após haver se afirmado, a crítica volta sobre si mesma e para; isto é, se nega, perdendo a razão de ser.

Este vício, porém, não é apenas universitário, mas geral, ocorrendo com maior ou menor intensidade em épocas diferentes, manifestando-se pelo academismo e a apreciação formal dos problemas. É, sobretudo, um vício europeu, de cultura velha, que bem poderíamos evitar fosse

transplantado para cá, transformando a própria Universidade num centro de resistência e liberdade.

Na França, houve uma reação violenta contra a crítica universitária, acusada de criar categorias e, comprazendo-se nelas, esquecer o que há de mais puro e essencial na obra de arte. Críticos como Gourmont, Gide, Paul Souday, Charles du Bos, Marcel Arland e o próprio Thibaudet (apesar de professor universitário) representam uma linha de reação contra a velha tradição universitária que vem de La Harpe, consolida-se com Villemain e tem um esplendor quase tirânico ao tempo de Taine, prolongado por Brunetière, Faguet etc. A partir destes, os universitários abandonam aos outros a crítica propriamente dita e se refugiam na história literária (revigorada e tornada magnífico instrumento com o grande Lanson), na literatura comparada, no medievalismo, na estética. Hoje, na França, é acentuado o divórcio entre crítica "individualista" e crítica universitária, esta se apegando talvez demasiado à erudição e perdendo o seu alcance junto ao público; aquela transformando-se cada vez mais em aventura pessoal e tendendo para o impressionismo.

Graças a este panorama da nossa principal inspiradora é que muitos brasileiros passaram a dar alarme contra o perigo da universitarização da crítica... como se houvesse tal fenômeno entre nós. Que não há, no final das contas, oposição entre ciência literária e crítica criadora (na verdade, fases de um mesmo processo), mostram os exemplos de três outros países, em que o divórcio não foi tão pronunciado quanto na França.

Um dos aspectos mais brilhantes da literatura inglesa é, sem dúvida alguma, sua crítica. Na Inglaterra, a crítica se constitui como gênero fecundo e de nível tão alto quanto os outros. Lá, é freqüente os grandes poetas serem os grandes críticos, desde Sir Philip Sidney, autor da admirável *An Apology for Poetry* (1595), até Matthew Arnold, T. S. Eliot, I. A. Richards, Herbert Read, vemos a erudição casar-se perfeitamente com a liberdade, a intuição com o julgamento certo. Ao lado deles, o crítico de jornal, tão preponderante na França e no Brasil, não pode pretender à soberania exercida nestes países. O mesmo fenômeno se observa nos Estados Unidos, com Edmund Wilson, Allen Tate, Kenneth Burke ou, mais técnicos, Cleanth Brooks Jr., Mathiessen, René Welleck, William Y. Tindall etc. Em Portugal, doce terra à beira mar plantada, donde recebemos o amor pela gramática de picuinhas, pela amplificação oratória e a estreiteza erudita, em Portugal os bons espíritos se libertaram há muito destes males e sabem dar vida à ciência. Depois de um Fidelino de Figueiredo surge agora um Hernani Cidade, provando ambos o consórcio feliz que pode resultar da erudição com a sensibilidade e o gosto apurado, mostrando que sem a pesquisa erudita e o minucioso estudo dos textos a história literária não progride: que sem a sensibilidade e a capacidade de simpatia poética e crítica não se aprofunda, sem a intuição filosófica e a capacidade de generalizar uma e outra permanecem episódicas e não sobrevivem.

\* É uma das máximas de La Rochefoucauld.

No Brasil, há um certo impasse no movimento crítico, e não tenho dúvida de que a Universidade está chamada a trabalhar no sentido de resolvê-lo. Críticos "pessoais" têm-os de primeira ordem, como os Srs. Tristão de Ataíde, Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque, Barreto Filho, entre os mais velhos, Lauro Escorel, Almeida Sales, entre os mais moços. A tradição erudita, contudo, perdeu-se ao nascer, abafada pelo movimento do Recife, e a filosófica pouco progrediu depois dele. É impressionante como, entre nós, a crítica não contribuiu, depois de Sílvio Romero, com nenhuma obra sólida, amplamente arquitetada, para a compreensão da nossa cultura. Nos melhores casos, temos ótimos artigos que vão se encaixando periodicamente em livros como os *Estudos de literatura brasileira*, de Veríssimo; os *Estudos*, de Tristão de Ataíde; o *Jornal de crítica*, de Álvaro Lins; o *Diário crítico*, de Sérgio Milliet. Nada, porém, de um esforço largo e amadurecido de revisão de valores, de verdadeira filosofia da crítica. A nossa esperança, à vista do mau funcionamento das nossas jovens universidades, está agora presa à monumental *História da literatura brasileira*, sob a direção de Álvaro Lins. Dela pode brotar um verdadeiro rumo para os estudos de literatura brasileira, concebida ao mesmo tempo como trabalho erudito e construção da sensibilidade. Deste modo, o ponto de vista "universitário" será apresentado ao Brasil por um punhado de críticos não-universitários, excetuados dois ou três dos colaboradores. Esperemos que este esforço realmente gigantesco seja compreendido pelos poderes responsáveis pela educação, para que eles proporcionem às universidades os elementos necessários para retomá-lo e renová-lo sempre.

\*

Pelo que ficou indicado, parece claro que o ensino superior da literatura brasileira é um problema que não se resolve com duas aulas semanais durante um ano de curso, nem com três, nem com dez. É necessário rever completamente o critério que até aqui tem norteado a sua organização, transformando-a em disciplina por excelência de penetração na cultura brasileira.

Para tal, a primeira coisa a se fazer é instituir de fato um "curso" de literatura brasileira, e não reduzir o seu ensino a matéria complementar do estudo de língua portuguesa. Três anos de currículo normal e mais cursos de aperfeiçoamento. Discussão do problema crítico, estudos de teorias literárias, da evolução das idéias, do condicionamento histórico-social; formação do gosto, revalorização dos conceitos, combate aos preconceitos que vêm de Sílvio Romero e, mesmo, de muito antes dele. Preparo de teses, bolsas de estudo para pesquisas nos Estados. Um vasto programa, que faria da literatura nacional, como é seu direito, o núcleo central das seções de Letras das atuais Faculdades de Filosofia, e não uma das muitas "matérias" perdidas num canto do currículo.